

**MARCO AURÉLIO REIS**

**RELACIONANDO LAZER E EDUCAÇÃO:**

*elementos para problematizar a importância da educação física na escola*

**BELO HORIZONTE**

**2010**

*FOLHA EM BRANCO*

**MARCO AURÉLIO REIS**

**RELACIONANDO LAZER E EDUCAÇÃO:**

**elementos para problematizar a importância da educação física na escola**

**BELO HORIZONTE**

**2010**

MARCO AURÉLIO REIS

## **RELACIONANDO LAZER E EDUCAÇÃO:**

**elementos para problematizar a importância da educação física na escola**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Lazer.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo O. Debortoli

**BELO HORIZONTE**

**2010**

R375e Reis, Marco Aurélio  
2011 Relacionando Lazer e Educação: Elementos para problematizar a importância da Educação Física na escola. [manuscrito] / Marco Aurélio Reis – 2011.  
41 f., enc.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 38-40

1. Lazer. 2. Educação. 3. Educação Física. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira  
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL  
CENTRO DE ESTUDOS DE LAZER E RECREAÇÃO (CELAR)  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LAZER

### TRABALHO INTEGRADO

Título: RELACIONANDO LAZER E EDUCAÇÃO: ELEMENTOS PARA PROBLEMATIZAR A  
IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Aluno: MARCO AURÉLIO REIS

Número de Matrícula: 2008704283

Professor Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Classificação: *APROVADO*

Nota: *88*

Conceito: *B*

Data da aprovação: *12 de maio de 2011*

Nome do orientador para assinatura do mesmo

*for Alfredo Oliveira Debortoli*

À  
Biblioteca Universitária da UFMG  
Coleção Memórias

**Dedico este trabalho aos meus familiares,  
a DEUS pela força e motivação, ao professor José Alfredo que foi solícito em me ajudar, a  
Cinira e aos demais professores que contribuíram com a minha formação.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por me dar força e perseverança nos momentos difíceis, mais de muita luta.

Obrigado a minha família pelo apoio e paciência no realizar do trabalho no dia-a-dia.

Um forte abraço à equipe CELAR e um agradecimento especial a Cinira, Hélder, José Alfredo por tudo que fizeram ao longo do curso... Até algum dia...OBRIGADO...



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1</b> - A noção de Lazer como perspectiva para pensar a singularidade do Ensino de Educação Física na Escola.....	16
<b>Capítulo 2</b> - Educação pelo e para o Lazer nas escolas.....	25
<b>Capítulo 3</b> - Considerações Finais: reflexões sobre o Lazer e a animação cultural.....	32
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	38

## RESUMO

O Objetivo desta pesquisa foi analisar, utilizando como metodologia o estudo bibliográfico, sobre o que se tem produzido na área do lazer, com relação à Educação e o Lazer quais diálogos os temas vem estabelecendo com o campo da Educação Física. A fonte de pesquisa foram livros e periódicos de congressos, seminários, de autores renomados, possibilitando ampliarmos as discussões acadêmicas na formação continuada. A educação física hoje é uma área de conhecimento que tem dialogado com a diversidade cultural através dos sujeitos sócio-culturais. A dimensão do lazer agrega valores e bens culturais que devem ser trabalhados nas aulas de educação física, com a finalidade de re-significarmos, fundamentarmos, esclarecermos e sistematizarmos juntos com os atores sociais, que sofrem e produzem cultura, a possibilidade da vivência do lazer de forma criativa, crítica e autônoma. O exercício da formação da cidadania cultural em conquistar com atitude os tempos e espaços, exercendo o direito à fruição da sensibilidade lúdica e reflexiva promove a produção cultural. As diversas produções culturais fazem parte do cotidiano das escolas e a educação física sabe a importância em discutir sobre esse tema, porque a indústria cultural aliena o lazer e reproduz a ordem social vigente.

**Palavras chave: LAZER - EDUCAÇÃO – EDUCAÇÃO FÍSICA.**

## INTRODUÇÃO

Há diversas abordagens da educação que valoriza, antes de tudo, o trabalho como expressão humana. “A integralidade do homem – enquanto pessoa e humanidade – só se compõem no trabalho (práxis – produção da vida, do humano). Trabalho é liberdade (produção de si mesmo)”. A instrumentalização, mesmo educacional, do tempo disponível das pessoas, só tem sentido na medida em que possa contribuir para que essas mesmas pessoas tenham uma participação mais efetiva e criativa na vida social.

Alguns estudiosos do campo do lazer relativizam, ou praticamente recusam, o valor da escola no processo educativo, quando são destacadas as possibilidades do lazer enquanto veículo de educação, a alternativa preconizada com maior ênfase é a “educação permanente”, a educação pelo o lazer dar-se-ia numa perspectiva de “educação permanente” que buscaria o desenvolvimento cultural, através da animação sócio-cultural.

Não se pode separar a educação pelo e para o lazer da educação em geral Para Saviani, “...temos, pois, hoje, já bastante difundida a seguinte situação: professores que não ensinam, educadores que não educam. Essa situação é muitas vezes justificada a partir da idéia que a educação é auto-educação – é o educando que se educa, o professor é um facilitador da educação – ele está aí, e o que o educando pedir, ele faz”.

A situação, em termos de apropriação do saber, é desigual, e somente a partir da consideração dessa desigualdade é que ambos, professor e aluno, poderão caminhar para superação de estágios de dependência. Deve haver um esforço na busca do ponto de equilíbrio entre disciplina e prazer, sendo que qualquer destes elementos sem o outro desvirtua inapelavelmente o projeto humano, e mais ainda: que esse esforço deve envolver educadores, pais e alunos, sobre a maneira como esse equilíbrio deva ser efetivado, mas, sem camuflar situações de poder, sem disfarçar incompetências técnicas ou falta de recursos, em discursos demagógicos que procurem esvaziar, cada vez mais, o já parco

conhecimento ministrado nas nossas escolas e assim contribuir para impossibilitar a passagem de situações de senso comum para consciências críticas.

Há espaço pelo e para o lazer na escola, que não seja o dos paradoxais “dias de lazer”, impostos pelos calendários escolares, institucionalizado por propostas de tempo integral, o espaço público escolar e apropriado pelas pessoas e de certa forma substitui os tempos e espaços públicos que deveriam atender este mesmo público com políticas voltadas pelo e para o lazer.

A área de Orientação Educacional, orientada pela visão “funcionalista” do lazer. Articula suas ações na escola determinando o tempo e o espaço para que aconteçam os momentos de lazer, que considere as suas possibilidades de aproveitamento enquanto práticas educativas que desenvolvam “aptidões e talentos específicos” contribuindo para a redução de sentimentos de frustração e de insegurança, bem como para a integração mais efetiva de suas experiências pessoais no âmbito social. É importante que as atividades de lazer procurem atender as pessoas no seu todo. Mas, para tanto, é necessário que essas mesmas pessoas conheçam as atividades que satisfaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção, em termos de conteúdos, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece. Sobre os tipos de conteúdos de lazer que vem sendo abordados em nossas escolas.

Historicamente, constataremos que a educação pelo e para o lazer no campo da educação formal, tem sido quase sempre restrita, de um lado ao esporte vinculado a “educação física”, e de outro à literatura, música e desenho, com preponderância desse último, portanto, mais diretamente ligada aos interesses artísticos e intelectuais. Os demais interesses no lazer não são cobertos por disciplinas específicas. No âmbito da Escola, e principalmente com relação às disciplinas mais diretamente ligadas aos conteúdos culturais do lazer, o que se verifica são atividades meramente consumatórias, sem qualquer vinculação com o processo educativo global e desvinculadas entre si. A forma como essa “transmissão de conhecimentos se processa” dá-se através de métodos mais

dirigidos para o produto, para a perfeição do produto acabado e não para o processo de produção, de criação – refletindo e alimentado à ideologia dominante.

No âmbito do nosso estudo é fundamental ampliar o sentido da educação, efetuada através da Escola, ressaltando que esta compreende os vários processos de transmissão cultural, englobando dessa forma toda relação pedagógica.

Entendemos a relação pedagógica de maneira ampla, tal como foi definida por Gramsci (MARCELLINO, 1983: 33-46), que não a limita “às relações especificamente escolásticas”, mas a distingue “... em toda a sociedade no seu conjunto e em todo o indivíduo com relação aos outros indivíduos, bem como as camadas intelectuais e não intelectuais, os governantes e governados, as elites e seguidores, os dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos do exército. Toda relação de hegemonia é necessariamente uma relação pedagógica” (1981:37).

A análise dos textos de autores contemporâneos que se dedicam à reflexão educacional, no Brasil, mostra que grande parte desse esforço tem se dirigido à Escola. Sua eficácia ou não como agente de reprodução ou de mudança é o foco central da discussão. Entretanto esses estudos, quase sempre, relacionam o sistema formal de educação e o processo educativo global, considerando mesmo fundamental essa relação. Assim, para Saviani, “se o estudo de problemas da educação brasileira não levar em conta o quadro cultural mais amplo, ele terá sido estéril” (1980:131).

O entendimento do lazer apenas em sua “especificidade abstrata” está ligado às concepções “funcionalistas”, em suas várias nuances (moralista, romântica, compensatória, utilitarista), contribuindo para reforçar, ainda mais, uma ação que colabora para a manutenção do status quo, uma vez que, entre outros aspectos, não leva em conta o contexto mais amplo e, assim, deixa de considerar para a sua prática o que caracterizo como o “todo inibidor”: conjunto de aspectos que, tendo como pano de fundo a questão econômica, provoca as desigualdades, quantitativas e qualitativas na apropriação do “tempo livre”. A “especificidade concreta” do lazer, considerado em sua manifestação na sociedade atual, é

colocada como reivindicação social. (...) O lazer é visto como fruto da sociedade urbano industrial e, dialeticamente, incide sobre ela, como gerador de novos valores que a contestam. Isso não quer dizer que o lúdico e o prazer não possam manifestar-se em outros “tempos”.

Muito pelo contrário, o lazer é entendido como “especificidade concreta”, e, na sua especificidade, com possibilidades de gerar valores que ampliem o universo das manifestações do brinquedo, do jogo, da festa, da recreação, para além do próprio lazer. Em síntese, a consideração da “especificidade concreta” do lazer deverá levar em conta: o seu entendimento amplo em termos de conteúdo, as atitudes que envolve, os valores que propicia, a consideração dos seus aspectos educativos pelo e para o lazer-, as suas possibilidades como instrumento de mobilização e de participação cultural, e as barreiras socioculturais verificadas para o seu efetivo exercício, tanto intraclasses como interclasses sociais (faixa etária, gênero, estereótipos, etc.)

A proposta de discutir o âmbito do lazer nas aulas de educação física agrega valores e interesses culturais que contribuem para formação continuada sobre o lazer, ampliando novos olhares sobre os sujeitos sócio-culturais.

O lazer é um fenômeno cultural e está sendo instrumentalizado pela sociedade contemporânea. Cabem a nós, professores, o papel importante de resgatar a essência do lúdico e direcionar nosso público alvo a ter acesso às riquezas culturais, aos espaços e equipamentos de lazer, como também, a ter mais consciência e autonomia para se apropriar, criar, produzir uma “cultura própria”.

Desta forma, dar sentido e significado no contexto escolar e transformar a realidade por meio dos atores sociais ativos que se interagem em novas formas de lazer em tempos e espaços diversificados na dinâmica cultural.

Os alunos por meio das técnicas corporais, termo utilizado (MAUSS, 1974) incorporam valores, normas e costumes para definir as maneiras de se comportar de cada sociedade, gestos e movimentos corporais próprias da cultura, imbuídas de significados específicos. Técnicas corporais culturais, porque toda técnica é um

hábito tradicional, que passa de pai para filho, de geração para geração. Segundo ele, só é possível falar em técnica por ela ser cultural.

O lazer tem seu fundamento no lúdico, no tempo disponível “conquistado”, na atitude desinteressada, espontânea, de livre escolha. As práticas corporais são temas que podem ser debatidos na perspectiva cultural de entender os aspectos tempo e atitude nos momentos de lazer. As aulas de educação física podem ter características como: interessante, agradável, prazerosa, criativa, autônoma, voluntária, de livre escolha democrática, que, de certa forma, estaria contribuindo para o lazer.

Bracht (2003) acentua que na atual forma de organização dos saberes e práticas escolares são a educação física e a educação artística, aquelas que possuem uma relação mais direta com o lazer, que educam pelo e para o lazer.

Partindo do pressuposto de que a compreensão sobre o lazer é uma forma de dialogar com a realidade por meio das ações pedagógicas reflexivas no contexto social e cultural, podemos caracterizar uma metodologia de ensino crítica, com possibilidades de dê - construir representações e paradigmas. Analisando o aspecto tempo disponível no cotidiano, percebemos durante o dia as obrigações familiares, religiosas, políticas, de trabalho formal, informal e escolar, o que torna o tempo algo subjetivo importante, porque as pessoas que definem o que realizarão pelo sentido e significado do movimentar-se, o que qualifica o movimento humano e o coloca no plano da cultura.

A dimensão simbólica “valores e princípios”, da atitude podem significar ter ou não prazer, saber ou não fazer escolhas, vivenciar ou optar pelo ócio. Podendo refletir ou interagir de forma prática, fluída ou contemplativa nos três níveis elementar, crítico e criativo que são incorporados pelos atores sociais culturalmente ao longo de suas vidas. O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, por meio do corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa) mais do que um

aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala em seu corpo, no conjunto de suas expressões. (DAOLIO, 2006).

A Escola, ao desconsiderar factores que também desempenham um papel importante na formação do aluno, ignorando todos os processos educativos que actualmente se produzem à margem dela, como a existência no ambiente sociocultural de meios que transmitem outras mensagens de informação (televisão, rádio, video, internet...), torna-se numa escola enfraquecida, que se limita a ensinar para o momento e a não dar bases para um reajuste permanente de conhecimentos e capacidades exigido numa sociedade que evolui aceleradamente.

A problemática deste trabalho é relacionar concepções de lazer e educação, e verificar o entendimento sobre a temática, com isso dialogar a produção de conhecimento sobre o estudo relacionando a importância do campo da educação física.



## Capítulo 1: A noção de Lazer como perspectiva para pensar a singularidade do Ensino de Educação física na Escola

A Educação Física escolar vem sofrendo mudanças significativas na composição da grade curricular e nas metodologias de ensino, discutidas no campo acadêmico, congressos e seminários, levando a uma ampliação da forma de expor temas e conteúdos da “Educação”. Considerando que a educação deve ser tratada no contexto social mais abrangente, e não apenas transmitida sob a ótica reducionista do conhecimento produzido cientificamente como forma instrumental de apropriação do intelecto e raciocínio lógico, mas, re-significando a sensibilidade através de outras linguagens, formas simbólicas, signos construídos historicamente pela ação do homem em relação com o mundo vivido.

A Educação Física é parte de um empreendimento educativo, sua referência básica é a cultura. Porém, para que seja possível caracterizar a especificidade da Educação Física, na sua relação com os outros componentes curriculares, é preciso indicar qual a dimensão dessa cultura a justifica no currículo escolar como um saber diferenciado, porém, não desligado dos outros. Temos denominado essa dimensão de cultura corporal de movimento ( Bracht, 2003 p.148-149).

As novas perspectivas de ensino têm respaldo nas concepções críticas que visam transformar o entendimento e as representações nomeadas na sociedade pelas classes dominantes. Alguns autores fundamentam uma nova postura de dar aula, revendo o processo educativo, discutindo os princípios que estão inseridos no contexto amplo de sociedade, cujos valores sobre esporte, saúde, educação, lazer e cultura são fragmentados pela ordem social vigente.

A valorização de novos conhecimentos formadores da sensibilidade ética, estética, criativa e crítica do movimentar-se humano é extremamente importante na formação de sujeitos autônomos, aptos na reconstrução de uma sociedade mais justa, como agentes sociais ativos na diversificação da cultura implícita historicamente na difusão de saberes constituído na diversidade cultural.

O professor deve cumprir o seu papel de discutir a diversidade cultural dos alunos como gênero, classe, religião, raça, valores morais, sempre com um olhar crítico sobre os aspectos psicológicos, biológicos, antropológicos, filosóficos, sociais que norteiam uma proposta política pedagógica, fundamentada no contexto social dos alunos. Apropriando de tempos e espaços formativos, com elementos indicadores de transformação e construção dos conhecimentos, juntamente com os alunos, vislumbrando uma educação permanente no sentido mais amplo.

O professor de Educação Física tem fundamentado suas práticas educativas numa cultura corporal de movimento. O lazer pode ser um importante conteúdo, concepção ou processo, inspiradora de transformação do tempo-espaço escolar, numa perspectiva dialética para formação da cidadania cultural. O professor tem o potencial de mediar o conhecimento, transmitido culturalmente, historicamente, re-significando, problematizando o fenômeno do lazer. Como internalizar o direito do lazer nas pessoas, através das manifestações culturais, sabendo que a sociedade globalizada, segmenta o acesso ao lazer padronizado pela indústria cultural.

Segundo Charlot (2000), o que é aprendido só pode ser apropriado pelo sujeito se fizer sentido para ele. É o valor do que é aprendido está indissociavelmente ligado ao “sentido” e ao “valor” que o sujeito atribui a ele mesmo, enquanto participa da ação educativa. Podemos afirmar, com isso, que as relações entre conhecimento prévio, a problematização e a atribuição de sentido às ações educativas pelo sujeito, no próprio processo educativo, mediado pelo diálogo, ampliam as possibilidades de acesso nas atividades realizadas.

A Educação Física como área de conhecimento deve apropriar-se do tema lazer por fazer parte de uma dimensão intrínseca nas relações humanas do lúdico, da estética e ética, no convívio sócio-cultural.

Marcellino (2005) “reforça a posição de optar por uma abordagem do lúdico não em si mesmo, ou de forma isolada nessa ou naquela atividade (brinquedo, festa, jogo, brincadeira, etc), mas como um componente da cultura historicamente situada”. A proposta de formação pelo e para o lazer seria resgatar as vivências culturais populares e por que não, introduzir experiências eruditas, na arte, música, dança, construção da sensibilidade estética, propondo uma metodologia de

educação física com o olhar antropológico, sensível à dimensão simbólica, preocupada com o que qualifica o movimento humano que é o sentido e significado do movimentar-se dos atores sociais no contexto histórico, sociocultural. A proposta de formação pelo e para o lazer seria através do veículo das práticas corporais historicamente transmitidas e vinculadas ao lazer, numa perspectiva de humanização de princípios formativos, como respeito mútuo, diversidade racial, cultural, religiosa, enfatizando a solidariedade, companheirismo, inclusão, socialização da convivência ética, como o compromisso da liberdade de escolha e fruição do prazer.

A formação conceitual pelo e para o lazer seria aproximar a cultura ampla da realidade com a subjetividade do aluno, propondo uma reflexão sobre a manifestação do lazer da indústria cultural, restrito a manipulação de valores, interesses políticos, econômicos, históricos e sociais que padronizam comportamentos e atitudes facilitadoras na divulgação nas grandes massas. A mídia potencializa o lazer como mercadoria de troca, por fruição de prazer, divertimento, satisfação momentânea, reforçando a lógica da segmentação de classes sociais, onde o direito do lazer fica restrito ao capital financeiro e governamental.

Enfim, a formação pelo e para o lazer seria problematizados nas aulas na perspectiva da cidadania cultural.

É papel da escola instrumentalizar e agregar competências para que se possa usufruir autônoma, consciente e criticamente deste tempo livre, evitando que o aluno cidadão que se educa, fique submetido inconscientemente, mas não menos perigosamente, ao determinismo do meio cultural e de agentes como a mídia, a moda e o consumismo, tornando-se um mero consumidor acrítico e alienado desta dimensão da vida. Nenhuma outra disciplina escolar, a não ser a Educação Física, aborda a vivência da cultura corporal do movimento humano no tempo de lazer. (Pinto 2001, p.146).

As escolas contam com grandes possibilidades para o desenvolvimento de atividades de lazer, nos vários campos de interesse, em termos de espaço:

quadras esportivas, pátios e auditórios, salas e outros equipamentos. Além disso, ficam ociosas em vários períodos e, ainda que ocupadas durante todo dia, sempre restariam os finais de semana Marcellino (1955). A formulação de alternativas que considerem a relação lazer-escola-processo educativo, pela sua abrangência, englobaria o esforço de uma ampla equipe multidisciplinar, composta por profissionais das áreas abrangidas pelos diversos conteúdos culturais do lazer. Marcellino (1987)

Como os profissionais do lazer têm considerado estes modos de produções humanas e as dimensões simbólicas que os envolvem, em suas ações? Essa pergunta precisa ser problematizada no campo do lazer. Será que nossas ações não estão privilegiando mais o produto, principalmente quando oferecemos os diferentes interesses culturais do lazer para os sujeitos, como se fossem uma mercadoria, em detrimento da participação destes em todo processo?

Será que estamos respeitando as necessidades e os interesses dos sujeitos, considerando as diferenças e a diversidade existente em cada contexto sócio-histórico?

Quanto ao lazer, penso que é preciso superar o seu entendimento restrito. Ao associarmos o lazer com a cultura, estamos assumindo a necessidade de aprofundarmos neste entendimento. O lazer é uma das importantes dimensões da cultura, assim como o trabalho, a educação, a família, dentre outros. É o próprio Marcellino (2001) quem afirma que a palavra “cultura” é ainda considerada, por muitos, em seu sentido restrito, como artes e espetáculos, e nestes estariam envolvidos uma série de manifestações do lazer. Este fato ocorre, principalmente, no trato com as políticas públicas voltadas para o lazer. Com exceções de algumas prefeituras de cidades brasileiras, uma ação bastante comum é a oferta de atividades esporádicas de lazer para os sujeitos, desconsiderando-o como um direito de todo cidadão, reforçando a concepção de lazer como um mero produto a ser oferecido.

Ao considerar a cultura em seu sentido mais amplo, Marcellino (1996, p.3) se apóia em Macedo para entendê-la como um conjunto de modos de fazer, ser,

interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve. Implica, segundo o autor, reconhecer que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. Assim, a análise da cultura não pode se restringir ao produto, mas também, ao processo da produção, o modo como este produto foi socialmente elaborado.

Nesse sentido, a Educação Física assim como o Lazer precisam conhecer, compreender, analisar, avaliar, vivenciar os conteúdos tradicionalmente desenvolvidos, bem como, outras manifestações corporais como as propiciadas pelas atividades circenses; as atividades que envolvem o turismo, entre elas os passeios e excursões que incluem caminhadas com fins diferenciados, os esportes da natureza, as artes plásticas, manuais, o teatro, o cinema, dentre tantas outras linguagens que envolvem a corporalidade e, que vêm sendo negligenciadas nos seus âmbitos de atuação. Corporalidade que considera os sujeitos-corpos vivendo diferentes idades, necessidades, classes sociais, etnias, gênero, opção sexual, política, religiosa, dentre outros, e que se constitui a partir da dimensão simbólico/social de seu contexto. Compreender os sentidos e significados das manifestações corporais aqui discutidas e de tantas outras, presentes nesse nosso país, considerando-as como diferenças que constituem a riqueza de nosso patrimônio cultural, poderá contribuir para que os sujeitos constituam relações mais significativas consigo mesmo, com os outros e com o mundo. A Educação Física e o lazer têm um papel fundamental para a concretização desse desafio.

Para Paulo Freire (1996) , para transformação dessa realidade é preciso que os sujeitos conheçam suas realidades, relacionem todas as dimensões da vida com suas condições concretas, atuem e reflitam sobre tudo o que foi e não foi possível.

Estes aspectos afetam elementos constitutivos do lazer: a organização do tempo, a atitude gratuita e perspectiva da busca do prazer. A educação pelo e para o lazer a partir de uma cultura escolar que reproduz a separação em universos isolados o trabalho e o lazer, e mais, entende o lazer como função daquele (no sentido compensatório, de gratificação como prêmio). Na verdade, uma educação

neste sentido não confere dignidade ao lazer fora de sua função para o trabalho e reproduzirá a perspectiva hegemônica presente hoje em nossa cultura. Mas é possível perspectivar uma outra educação pelo e para o lazer.

Essa perspectiva não exija apenas um novo tratamento, em uma ou outra disciplina deste tema a partir da linguagem conceitual e reflexão crítica sobre por exemplo, os mecanismos da indústria cultural, mas também um outro tratamento corporal, outras vivências corporais, outra educação da sensibilidade, a construção de uma cultura escolar que no seu âmbito supere aquela divisão, e que concretize outra possibilidade.

A atual cultura escolar privilegia os saberes conceituais, portanto um tipo de linguagem, uma forma de comunicação com o mundo, talvez seja o caso de propiciar um maior espaço para outras linguagens, como a arte e o movimento. Uma perspectiva tecnicista de educação, que objetiva tão somente o rendimento no trabalho ou preparação para o vestibular, tende a negar a necessidade da preparação para a vida no seu sentido amplo. A preparação é o modo mais imediato para o sucesso no vestibular, e a mais longo prazo para o trabalho, no qual se privilegia a lógica produtiva, o conhecimento instrumental. Aqui não se exigem qualidades humanas a não ser a própria cognição; não interessa a qualidade ética/moral/política do ser humano ou mesmo sua capacidade de expressar-se em outras linguagens, a qualidade de seus afetos. Tudo isso (incluída aí a inteligência emocional) interessa apenas na justa medida em que possa potencializar o saber técnico-instrumental. Mas, esse é o futuro da educação? Interessa à maioria da população uma educação desse tipo?

A escola também tem a tarefa de ajudar a continuar a dar vida à cultura (lúdica), mas a partir de um outro entendimento da relação cultura-trabalho; entendo cultura como um conceito produtivo: criar, produzir cultura, tarefa de sujeitos e não meros consumidores de produtos. Essa é uma condição essencial para que a escola auxilie numa das tarefas fundamentais da cultura, que é a de exercitar a constante crítica dos rumos que o homem elege constrói para si enquanto ser da cultura. O lazer é parte constitutiva da cultura. As práticas corporais clássicas da Educação Física, incorporadas por ela ou mesmo por ela

produzidas, são hoje, na sua maioria, aquelas vivenciadas como estas características. Mas, também somos herdeiros de uma Educação Física racionalizada e instrumentalizada e ideologicamente pela idéia de cultura que a atrelou, em partes significativas do século XX, ao mundo produtivo, a uma ética bastante próxima à do trabalho (ascetismo puritano) e não hedonista (dever, cuidados racionais com o corpo, vigor corporal, exercícios metódicos, etc.). Muitas outras práticas corporais foram assimiladas pela Educação Física a partir desta perspectiva, ou seja, assimilou e produziu práticas que atendem ambas as perspectivas. No entanto, mas recentemente observa-se uma mudança que está ligada ao processo de mercantilização das produções simbólicas, sua transformação em bens simbólicos (Thompson, 1995), que levou à uma ampliação do lazer ou a um crescimento da importância econômica dele, cujo carro-chefe é o prazer do consumo. Um consumo ampliado enormemente pelo desenvolvimento tecnológico e conseqüente aumento da capacidade (em escala industrial) de reprodução destes bens simbólicos.

A nossa cultura contemporânea legítima, portanto, a busca do prazer no lazer, através do consumo. Isso faz com que esta esfera participe cada vez mais intensamente da construção da identidades, das subjetividades. Entre educação e sedução, o mercado prefere, sem dúvida, o mecanismo da sedução para nortear a ação dos consumidores. Portanto, cresce em nosso entendimento, na perspectiva de uma pedagogia crítica, a importância desse tema na discussão do papel da educação hoje. A indústria cultural utiliza o “impulso lúdico”, vale-se do prazer e das emoções evocadas pelas atividades lúdicas, para produzir e fazer consumir produtos e serviços marcados pela lógica da mercadoria. O “universo lúdico” está perfeitamente integrado ao “universo do consumo”. Voltamos assim à Chauí (1989) e à necessidade de construir a possibilidade de transformar o mundo da cultura muito mais num mundo produtivo do que num mundo do consumo de bens simbólicos, orientados pela lógica do mercado.

Refletir sobre relação, lazer e educação, não é tarefa fácil visto a enorme falta de consenso quanto aos seus conceitos entre os autores, como também, essa discussão requer uma adoção de postura e posicionamento como relata

Christianne Gomes (2004, p.126) "[...] face da gama de possibilidades, aspectos, desafios e dificuldades que tal questão envolve". Assim, as vivências lúdicas são tidas como fortes elementos que contribuem para a compreensão do novo mundo social e as reais possibilidades de intervenção sócio-educativas, devido ao fato destas práticas corporais estarem inseridas dentro do contexto do lazer, um espaço propício para as mudanças de valores, de condutas e de atitudes.

Para Leila Pinto (2008) O lazer apresenta-se como um espaço de (re) construção das relações sociais e de conhecimentos, oportunidades de (re) significação das dimensões objetivas e subjetivas que os constituem [...] a intenção do processo educativo constitui-se em um parâmetro para o desenvolvimento de práticas educativas vividas e reflexões sobre elas, aprendizagens adquiridas e (re) significações atribuídas aos conhecimentos sobre lazer e suas práticas. Com isso, assumo a relação lazer e educação como processo educativo de formação humana, que requer não só domínio de conhecimentos específicos sobre o lazer, como também, de competências adequadas a formação, atuação política, ética e estética, concretizada nas vivências realizadas. como processo educativo, o lazer atua sobre os meios de reprodução da vida, sua dimensão sociocultural mais visível e prática. Como produto de ação socioeducativa, de um lado, pode contribuir para qualificar o ser humano a olhar, perceber e compreender o vivido, se reconhecendo na percepção do outro, distinguindo semelhanças e diferenças entre si, o mundo em que vive e outros sujeitos. Contribuindo sua própria, identidade e história. De outro lado, pode contribuir para favorecer novas relações socioculturais alicerçadas nos preceitos lúdicos e democráticos, que têm como ponto de partida, o reconhecimento dos direitos e deveres como cidadãos [...] no contexto das decisões educacionais, ela deve ter como premissa básica a garantia de igualdade de oportunidades, bem como de diversidade de práticas culturais para todos os cidadãos. Por sua vez, os teóricos da educação não se ocupam do lazer de forma sistemática, muitas vezes emitindo juízos negativos, sem se preocupar em precisá-lo como objeto de análise. A ênfase no papel da Escola, embora reconhecendo o processo educativo mais amplo, talvez seja responsável pela falta de sistematização sobre as características do lazer, verificada entre os autores da área da Educação.



É possível identificar a relação entre lazer e educação, predominante até meados de 1960 e que interveio diretamente na constituição do próprio campo do lazer, é aquela que reclama a aplicação de recursos e estratégias pedagógicas para a ocupação saudável e produtiva do tempo livre, contribuindo para autodisciplina e a correta “organização dos lazeres” por meio da recreação. A primeira atrelada à escola, a recreação aparece já na segunda metade do século XIX, quando as idéias a respeito da formação de um novo cidadão, que respondesse com disposição e êxito às exigências da nova sociedade que se construía, penetram o ambiente escolar atribuindo à educação o papel de forjar o perfil social de homem e mulher desejado. Nesse intuito e conforme as orientações pedagógicas que vigoravam na época, à recreação coube a função de disciplinar as mentes e cultuivar os corpos das crianças de acordo com a educação moral, higiênica e física. Tal perspectiva, há uma visão instrumental e de controle social sobre a relação entre lazer e educação, vista até os dias de hoje.

Na realidade, não há, a rigor, um caráter de rejeição entre as duas correntes, mas sim enfoques diferentes. A primeira aborda a “necessidade de lazer”, sempre presente, e a segunda se detém nas características que essa necessidade assume na sociedade moderna. Assim, “... o lazer sempre existiu, variando apenas os conceitos sobre o que era e quais os seus significados”. Em outros tipos de organização social, o que se verifica é o não-isolamento das atividades obrigatórias, das lúdicas, o que de modo algum significa a não-existência do lúdico. E mais ainda, o que não nos permite prever se essa divisão, verificada atualmente na sociedade moderna, urbano-industrial, permanecerá efetivamente ou não. Entretanto, são exatamente as diferenças de enfoque, ou melhor, essas “pseudo-diferenças”, nos dois níveis de questionamento – o conceitual e o da ocorrência histórica -, que ocupam o grande esforço da produção teórica dos estudiosos contemporâneos brasileiros do lazer. Nesse sentido, poder-se-ia falar da falta de “autenticidade” da maioria da produção teórica brasileira sobre o lazer, principalmente se for levado em conta que, por “autenticidade” procura-se entender não a originalidade, mas a legitimidade embasada na realidade social concreta.

## Capítulo 2: Educação pelo e para o lazer nas escolas

Segundo a Carta Internacional de Educação para o Lazer - WLRA (2005) o objetivo de se trabalhar o lazer nas escolas é tentar fazer com que os alunos através de um desenvolvimento psicossocial, possam alcançar uma qualidade de vida desejável, onde família, comunidade e sociedade sejam diretamente afetados. França (2003) afirma que o lazer apresenta aspectos educativos que contribuem para a compreensão e intervenção do novo mundo social, além de possuir práticas corporais que venham a contribuir para a melhoria da qualidade de vida, possibilidades de construção da cultura humanizada, socialização, princípios éticos e críticos sobre a sociedade. O educador por sua vez deve identificar esses aspectos e fazer uma reflexão junto aos mesmos a fim de poder transmitir ao aluno o valor histórico-educativo do lazer na contemporaneidade. Para Taffarel (1995), são papéis fundamentais da educação assegurar o acesso a tais conteúdos, propiciando ao estudante o exercício da criticidade, compreensão e intervenção na realidade, buscando com isso uma educação de qualidade para todos. O lazer se refere a um campo específico da experiência humana, incluindo liberdade de escolha, criatividade, satisfação, diversão e aumento de prazer e felicidade. Também compreende formas amplas de expressão e de atividades, as quais perpassam pelos conteúdos culturais do lazer, a saber: os conteúdos esportivos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais. O conceito de lazer, numa perspectiva de melhoria de qualidade de vida, está voltado para o desenvolvimento do sujeito como pessoa e membro de uma coletividade que, por meio das relações lúdicas, insiste na longa jornada rumo ao prazer. A melhoria na qualidade de vida resulta da qualidade de interação entre pessoas e destas com o meio, vivendo uma sociedade em transformação (BRAMANTE, 1992). Ao considerar este campo tão importante quanto à educação, o trabalho e a saúde, onde nenhum ser humano poderá ser privado deste direito por discriminação de sexo, orientação sexual, idade, raça, religião, credo, saúde, deficiência física ou situação econômica, torna-se importante compreendê-lo como uma prática social, capaz de incluir a todos, como também, um direito humano evidenciado na constituição brasileira (BRASIL, 1988).

O lazer não é um conteúdo exclusivo de uma única disciplina, ele deve ter seu potencial detectado em cada matéria, currículo e atividade extracurricular, incluindo-se naquelas mais apropriadas (direta e indiretamente), visando enriquecer seus conteúdos e estimulando o interesse no aprendizado por parte do aluno. A incorporação do lazer nas atividades educacionais e culturais, dentro e fora de escola, é outra forma de se trabalhar tal conteúdo. As diferentes disciplinas escolares como português, geografia, e outras, devem buscar refletir sobre a educação pelo e para o lazer. No entanto a atual prática escolar nos remete a perceber que somente a Educação Física e a Educação Artística têm uma maior relação com o lazer, transmitindo práticas a serem vivenciadas com maior engajamento corporal. Bracht (2003) defende a idéia de que [...] a escola como um todo deva assumir a educação pelo e para o lazer como tarefa nobre e importante, o que implica em colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso implicaria em uma razoável mudança naquilo que poderíamos chamar de cultura escolar [...] Como assevera Bracht (apud PIMENTEL, 2003), a Educação Física possui uma essência pedagógica, pois é um espaço onde se trata de um saber específico: o jogo, a dança, a luta, o esporte e a ginástica tematizados enquanto saberes escolares. Esses conteúdos estão sendo construídos ao longo da história da humanidade e são integrados à cultura dos locais onde são praticados, dentro ou fora do espaço escolar.

Dentre os conteúdos do lazer podemos encontrar propostas de flexibilidade curricular ampliando o envolvimento escola-comunidade, a fim de implementar o compartilhamento de experiências culturais de lazer dentro do processo de aprendizagem, permitindo ao aluno a liberdade de escolha em tais atividades. Os princípios de tentativa e erro incorporados no lazer promovem um prazer sem frustrações. Dumazedier (1994) afirma que a grande vantagem das atividades de lazer é permitir escolhas e, por conseqüência, aprender a escolher. Elas estimulam a iniciativa e favorecem, assim, o desenvolvimento da autonomia. O lazer nesse sentido vem a ser entendido enquanto cultura vivenciada no "tempo disponível", tendo como característica o caráter desinteressado, apresentando-se em um duplo aspecto educativo: o lazer como veículo e objeto de educação.

As abordagens de ensino e aprendizagem da educação pelo e para o lazer nas escolas devem ocorrer individualmente e em grupos, seja dentro ou fora do ambiente escolar, facilitando a animação, criatividade, experimentação pessoal, auto-aprendizado, aulas teóricas e orientação, fazendo com que o educando seja mais estimulado do que instruído.

Em função dessa necessidade, busca-se com a Educação Física oferecer aos alunos diferentes atividades da cultura corporal, não se restringindo apenas a um dos seus conteúdos, mas diversificando-os, instrumentalizando-o para que tal apropriação ocorra, formando um aluno crítico e criativo, e formador de sua autonomia. Tal processo só tem sentido à medida que procura satisfazer as necessidades individuais e sociais e não criá-las (Cavalari apud Marcellino, 2003). Segundo o Coletivo de Autores (1992), a dinâmica curricular sobre a cultura corporal, busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, ginástica, esporte, entre outros, que podem ser identificados como formas de representações simbólicas de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. A educação pelo e para o lazer nas escolas necessita de uma variedade de profissionais com conhecimentos específicos da área. Para gerar continuamente novas competências diante de uma realidade cada vez mais dinâmica, o profissional necessita de conhecimentos atualizados para atender as novas necessidades. A importância da formação científica, encontra-se aí explicitada, auxiliando-os na contínua aquisição desse conhecimento (Pimentel, 2000). A dinâmica social que envolve os interesses do lazer possui características psicológicas e socioculturais muito complexas, as quais o profissional do lazer deve compreender. Para tanto é necessário que se pesquise e aplique tais conhecimentos de maneira ética para um melhor resultado final. (Pimentel, 2003).

O programa elaborado pela WLRA (2005), nos revela que as intervenções pedagógicas, como também suas estratégias, devem pautar na promoção de propostas de flexibilidade curricular que amplie a relação "escola-comunidade", a fim de implementar o compartilhamento de experiências culturais de lazer dentro do processo de aprendizagem, permitindo ao aluno a liberdade de escolha em tais atividades. Sabe-se que os princípios de tentativa e erro incorporados ao lazer promovem um prazer sem frustrações. Torna-se premente elevar as discussões relacionadas a educação pelo e para o Lazer em todos os cenários e foros apropriados, assim como apoiar a implementação de estratégias e programas de educação pelo e para o lazer. Ao unir esforços para introduzir estratégias de educação pelo e para o lazer, em concordância com os princípios que formam a base desta Carta, então, os benefícios do lazer ficarão acessíveis a todos.

Qual é o entendimento sobre o lazer, como proposta educacional de ensino nas escolas?

Acreditamos que a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. O acesso ao conhecimento às relações humanas, às experiências culturais diversas podem contribuir assim como sujeito sócio-cultural, e no aprimoramento de sua vida. (Dayrell, 1994 p.29)

A dimensão do lazer deve ser ampliada dentro dos parâmetros culturais, com interesse na emancipação dos jovens.

Há programas governamentais que já estão sendo implantados e desenvolvidos nas escolas como “escola de tempo integral, escola aberta e projeto segundo tempo”.

A comunidade escolar e seu quadro docente têm o papel importante em pesquisar a evolução do ócio e a formação cultural dos jovens pelo e para o lazer, com propostas e programas de ensino inserido no projeto político pedagógico.

O desafio da escola é re-organizar e ampliar os tempos e espaços, transformando o tempo disponível num programa de acesso aos bens culturais.

Segundo, Silveira e Pinto (2001), a Educação Física, como área do conhecimento sobre a cultura corporal de movimento, poderia sim contribuir na qualificação e fundamentação teórica da concepção de lazer, reformulando o senso crítico e emancipado dos jovens na aquisição ou consumo do lazer. Considerando que a educação física deve proporcionar a vivência e a discussão do movimentar-se, devem-se contemplar todos os conteúdos da cultura corporal de movimento da prática, e também de estudo e pesquisa sobre os aspectos históricos, técnicos, sociais, fisiológicos, estéticos, éticos, culturais e políticos desta prática pelo e para o lazer.

Christianne Gomes (2003) entende o lazer como uma dimensão da cultura, constituída por meio de vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo – espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

A relação entre a educação física e o lazer é o objeto de desejo, algo que desperta organicamente o elemento lúdico, subjetivo na formação da sensibilidade humana em conhecer, perceber, criar, refletir, potencializar as vivências construídas pelos bens culturais.

A ludicidade é a expressão do desafio, da curiosidade, do inusitado, do envolvimento e do pensar, seja para aprender, para ensinar, ou, simplesmente, para viver.” (Silveira, 2001 p.141)

A questão é como educar e formar pelo e para o lazer em tempos e espaços diversificados ou diferenciados no âmbito escolar e na sociedade.

Todo cidadão tem hoje grande envolvimento com elementos da cultura de movimento, seja na prática, ou como espectadores, e/ou consumidores na escola, na rua, nos parques, nos clubes, nos estádios, nas academias e escolas de esporte e por intermédio da mídia. Entretanto, a escola é o único espaço em que esta prática pode ser vivenciada, estudada e discutida ancorada em valores éticos e, por isso, não podemos fugir ao dever de preparar para este tempo do não – trabalho (e não apenas para o tempo do trabalho, como normalmente se faz na escola). (Pinto, 2001 p.140)

Torna-se necessário a ampliação e o aprofundamento das análises que, como essa, buscam apreender a escola na sua dimensão cotidiana, apurando o nosso olhar sobre a instituição, seu fazer e seus sujeitos, contribuindo assim, para problematização da sua função social. (Dayrell, 1994 p.29).

Portanto, não podemos responsabilizar exclusivamente uma ou outra disciplina escolar pela educação para o lazer (a Educação Física e a Educação Artística, por exemplo), mas que a escola e a comunidade assumam a educação pelo e para o lazer como tarefa nobre e necessária, o que poderia colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar. Isso implicaria em uma razoável mudança naquilo que poderíamos chamar de cultura escolar, que, diga-se logo, não envolve apenas saberes e práticas escolares, mas, também, o tempo e o espaço, pois, entendemos e defendemos que o lazer é parte constitutiva da cultura que, como podemos ver, pode ser caracterizada a partir de três demarcações: tempo, atitude e busca do prazer.

A escola, produto dessa mesma dinâmica de trocas simbólicas, também tende a reificar um único padrão de organização cultural dentro dos muitos padrões que seriam possíveis. Em resumo, a noção de capital cultural chama a atenção para as diferenças nas condições de acesso e de apropriação de uma cultura. O tipo específico de atribuição de valores simbólicos, ou da distribuição do "capital cultural" determina então o modelo de estratificação social, pois, "ao lado da luta de classes econômicas, também uma luta de classes simbólicas, pois a luta não é só em torno da distribuição de bens e serviços, mas também, em torno dos valores corretos, dos padrões legítimos e dos estilos de vida distintivos de classe" (BRACHT, 2003, p. 53).

No entanto, é sempre bom lembrar que nenhum poder hegemônico é capaz de abarcar todas as dimensões de uma cultura. Existe sempre uma disputa em torno da legitimação de uma determinada cultura.

Neste sentido, os segmentos populares, ou seja, os segmentos que possuem uma cultura desvalorizada simbolicamente, não são destituídos de recursos que os habilitam a participar das lutas simbólicas. Ao contrário, essa distribuição desigual estimula o conflito. No caso específico da cultura escolar, esse

conflito se manifesta de forma cada vez mais explícita na recusa dos alunos diante de todo o modus operandi da escola.

Parece mesmo que a escola perdeu sua eficácia simbólica e sua capacidade de convencimento e de transmissão de valores e conteúdos culturais. Concretamente, não é possível fechar os olhos para o fato do ensino tecnocrático e propedêutico, por exemplo, constituírem os conteúdos socialmente mais valorizados cujo domínio é capaz de garantir, inclusive, uma certa respeitabilidade pública ou o acesso a determinadas posições sociais. Atualmente, o dilema mais profundo que se apresenta a instituição escolar é: como estabelecer um regime educacional de democracia cultural plena numa sociedade severamente estratificada que reifica uma determinada cultura? Nesse caso, tem-se, por um lado, a idéia de difundir para todos os valores da cultura hegemônica, ou seja, garantir a todos o acesso integral a uma cultura que reflete os anseios, os valores e as convicções de um grupo social específico e bem determinado. Por outro lado, tem-se o desejo de formular princípios pedagógicos diferenciados e que estejam organicamente ligados aos interesses e valores das classes populares.

Um exemplo desse dilema seria o eterno conflito entre formular-se uma pedagogia que valorize os elementos críticos e reflexivos, capazes de estimular uma tomada de consciência das condições de organização social ou, ao invés disso, planejar-se um ensino mais pragmático orientado para finalidades mais imediatas como, por exemplo, a aprovação no vestibular. Por mais que nos inclinemos a escolher a primeira opção, não é possível negar totalmente a viabilidade, ou mesmo a necessidade da segunda, haja vista que a escola esta submersa e uma dinâmica social que foge ao seu controle e é obrigada a dialogar com ela permanentemente. Todo esse quadro me parece causar um profundo anacronismo que acaba expurgando o interesse dos alunos para longe da tradição cultural escolar. E nesse sentido, mais grave do que a evasão física é a evasão simbólica. Mais grave é o descrédito e a descrença dos alunos para com os valores propugnados pela escola.



## Considerações Finais: reflexões sobre o Lazer e a animação cultural

Considerando-se essas problemáticas levantadas, um princípio metodológico que pode transformar-se em algo de grande utilidade é a incorporação da animação cultural como princípio norteador da elaboração de propostas pedagógicas. Trata-se de um conceito bastante complexo e que, dada sua relativa utilização, ainda é cercada por uma certa quantidade de polêmicas e controvérsias. Mas para evitar possíveis mal entendidos, estarei chamando por animação cultural, o processo pedagógico que tem na cultura seu principal foco e estratégia de intervenção e que opera, fundamentalmente, mas não exclusivamente, nos momentos de lazer (MELO, 2004). Seguindo os argumentos de Melo (ibid.), esse conceito parece mais adequado do que outras expressões correntes utilizadas no Brasil, tais como Recreação, por exemplo. Esse último, aliás, por conta da sua trajetória histórica, evoca em seus sentidos e significados uma série de elementos ligados a iniciativas de controle e instrumentalização do lazer, especialmente do lazer operário.

A incorporação de outras linguagens culturais ao ensino da Educação Física, que é somente uma maneira diferente de dizer que se amplia e se flexibilizam os conteúdos permitindo ao professor assumir uma função de mediador cultural. No entanto, é importante destacar que a pura e simples adoção e/ou implementação da animação cultural não é suficiente. O fundamental é tentar assumir uma perspectiva diferenciada de intervenção pedagógica o âmbito da cultura, pois a própria animação cultural pode seguir paradigmas diferenciados. Dentre os mais influentes, destacaria o paradigma tecnológico, interpretativo e dialético. Na primeira perspectiva, o profissional atua como um "engenheiro cultural", verticalmente identificando e implementando o que julga necessário para seu público, sem solicitar uma participação ativa deste na definição dos caminhos a seguir: o animador é único responsável por descrever e prescrever ações e soluções [...] Na perspectiva interpretativa, o animador cultural atua como um "formador cultural" [...] O animador cultural que atua a partir da perspectiva dialética pretende construir uma democracia cultural.

Entendendo que a realidade é complexa e historicamente construída, percebe que é fundamental gerar movimentos comunitários. Não se trata de impor uma programação nem somente convidar, mas gerar propostas em conjunto com o público, a partir de seu envolvimento (MELO, 2004, p. 13).

Na prática, trata-se da realização cotidiana de um processo de estímulo e sensibilização a necessidade do lazer, e de maneira mais profunda, da sua compreensão e aceitação como um direito de cidadania. Uma tentativa de ampliar as possibilidades de lazer dos alunos, estimulando e garantindo o seu acesso a patrimônios culturais como, por exemplo, o teatro, o cinema, os esportes, a dança, as artes visuais e a literatura.

Exemplificando: no caso das atividades físicas em geral, é importante oferecer uma abordagem que as tratem em todas as suas particularidades, sem abrir mão do oferecimento de uma certa variedade de atividades. Em outras palavras, o ensino desse conteúdo específico da Educação Física, tradicionalmente tratado pelo viés da técnica, deve passar a ser visto como uma linguagem cultural poderosíssima, de alta penetrabilidade e mobilização social, onde não é possível separar a formação intelectual da moral; ou a ética da estética. Se nos perguntarmos porque a classe dominante foi, é ou tem sido permissiva quanto ao acesso universal a escola, perceberíamos que o que é oferecido às classes populares são migalhas. O treino técnico do operário chega mesmo a ser estimulado pelo empresário. O que lhes é negado é a formação. Do mesmo modo, na escola se oferece um adestramento, nunca um estímulo ao pensamento crítico.

Dessa maneira, os fenômenos da cultura corporal não devem ser tratados em desconexo com o todo social, pois nesse caso, estaríamos impedindo uma prática reflexiva acerca desta linguagem, que em nada contribuiria para a formação do cidadão. O aprendizado de elementos da cultura corporal, quando dimensionado como um acúmulo de gestos técnicos, esvazia as possibilidades verdadeiramente educativas, pois os conteúdos de ensino devem ser tomados apenas como meio para se alcançar um objetivo mais amplo - nesse caso, a formação humana - e não como um fim nele mesmo.

O ensino da técnica justificado pela própria técnica não permite desdobramentos, exatamente porque se encerra nele mesmo. Em verdade, não é preciso abandoná-las.

Esses conteúdos precisam se transformar em práticas que preconizem um padrão organizacional razoavelmente diferenciado, ao mesmo tempo em que sejam dotados de um contorno alternativo àquele assumido pelo modelo esportivo tradicional (leia-se, esportes de alto rendimento). Pautar e valorizar as aulas a partir de elementos quase sempre menosprezados pelo atual sistema educacional como, por exemplo, o caráter informal ou a ludicidade, representa uma dose de desafio, mas que, ao mesmo tempo, é dotado de um promissor valor educativo. Paulo Freire (1996) já fizera alguns importantes apontamentos nesse sentido quando afirmara que "é uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado. Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência de saber" (p. 49).

Assim sendo, a incorporação dos fundamentos do lazer e da animação cultural às aulas de Educação Física pode trazer em seu bojo perspectivas distintas que estejam atreladas ao desenvolvimento pessoal, ao estímulo de novas experiências, a produção de novos olhares, a novos procedimentos de mediação e diálogo e finalmente a valorização estética, das sensibilidades, do gosto e do prazer. Todo esse processo deve considerar o gosto estético dos alunos, seus interesses intelectuais e sua curiosidade. E que isso não seja interpretado como subserviência aos saberes do educando, que nesse caso, seria tão ruim quanto à postura arrogante e presunçosa de quem impõe um conhecimento como verdadeiro. O desafio é ir apresentando-lhes a necessidade de superar e ampliar as noções com que interpretam o mundo. Dito de outra forma, uma abertura dos canais de participação, onde os alunos tenham espaço para se expressar e exprimir suas opiniões acerca dos procedimentos de ensino. Não existe ensino sem aprendizagem. Além do mais, a razão de ser da escola é o próprio aluno. E nesse sentido, ouvi-lo, escuta-lo, não parece ser demais. Lembremos ainda que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos, simultaneamente, e não do professor consigo mesmo. É impressionante a recusa da escola em pôr-se a ouvir os alunos.

Nesse sentido, penso que seria muito frutífero que ao longo do período letivo fosse permitido aos alunos expressar o que pensam sobre o professor, sobre a escola, sobre as aulas, sobre seus colegas de turma e porque não, sobre si mesmos. A organização de conversas que permitam aos alunos dizerem o que houve de melhor e pior nas aulas presta-se muito bem isso. O que eles aprenderam ou deixaram de aprender? Que conteúdos eles gostariam de ver difundidos na escola? Como eles avaliam o professor e as relações que esse estabelece com a turma? Como eles avaliam o próprio empenho na construção das aprendizagens? Que sugestões, mudanças ou alterações eles teriam a propor ao funcionamento das aulas e mesmo da escola?

O mais importante não parece ser transformar as aulas de Educação Física num momento de lazer, mas, ao invés disso, dimensiona-lo numa perspectiva do lazer. Na prática, trata-se de orientar o ensino rumo a princípios que considerem mais seriamente as dimensões subjetivas do processo de ensino-aprendizagem. Nessa direção me parece que reside algum nível de contraposição a aquilo que é um dos elementos norteadores da escola: o trabalho. Desde sempre a escola assumiu um ar altamente tecnicista e objetivo, com o franco predomínio de elementos racionais, utilitários, pragmáticos, performáticos e tecnocráticos, sem espaço para o estímulo das subjetividades. Por fim, não ambiciono que a reflexão que esse breve ensaio por ventura possa desencadear seja orientada a busca de respostas. Ao contrário, gostaria que ele se potencializasse em novas e mais questionamentos em torno da Educação Física na escola.

A contribuição da Educação Física na perspectiva da formação pelo e para o lazer é oportunizar discussões, reflexões relacionadas às práticas corporais, formando pessoas mais críticas. O que caracteriza a especificidade educativa da Educação Física como área de conhecimento é o saber fazer, e o saber sobre as práticas corporais, como foi dito por Valter Bracht “A educação física é um empreendimento, sua referência básica é a cultura [...] Cultura Corporal de Movimento”.

É fato que o tema lazer, dito “essencial” nas aulas de Educação Física para construção de saberes, re-significando as práticas corporais e sensibilizando possibilidades de vivência em outros tempos e espaços conquistados, compartilhados entre os sujeitos sócio-culturais.

Pensamos que além das atividades físico-esportivas é fundamental mediar outras atividades culturais, relacionando-as com as diversas linguagens e manifestações simbólicas, num contexto amplo de sociedade, se não, estaremos tratando apenas um interesse específico para os momentos de lazer.

As escolas em geral consideram o tempo produtivo de trabalho, a transmissão de conteúdos científicos, priorizando a preparação para o mercado de trabalho e vestibulares.

Na realidade, o que constatamos é uma alienação que influencia na construção das identidades, da subjetividade, seja no tempo de trabalho, ou do lazer, e os padrões culturais são normatizados pela classe dominante. Jofre Dumazedier recebeu críticas por ter fundamentado que o lazer acontece em um tempo livre de obrigações em oposição ao trabalho. Podemos dizer que o lazer funcionalista mantém a ordem social ou escolar, ajuda o trabalhador ou aluno a superar as suas expectativas, a compensar a sua insatisfação e alienação do trabalho, ou forma escolar de transmitir conteúdos científicos, recuperar as forças físicas ou produtivas, psíquicas e fisiológicas. “Uma perspectiva tecnicista de educação, que objetiva tão somente o rendimento no trabalho, ou a preparação para o vestibular, tende a negar a necessidade da preparação para vida no seu sentido amplo” (Brancht, 2003 p.167).

O lazer funcionalista mantém a ordem escolar e capitalista, promovendo atividades formais no tempo do trabalho produtivo, em oposição ao tempo ocioso, não produtivo, atividades não-formais, de forma restrita na formação pelo e para o lazer. Concordo com Valter Bracht: Por que a cultura escolar, precisa produzir a racionalidade do trabalho? Acreditamos que as escolas podem e devem ser um espaço de formação do aluno [...] O acesso ao conhecimento, às relações humanas, às experiências culturais diversas, podem contribuir, assim, como sujeito sócio-cultural” ( Dayrell, 1994 p.29).

A cultura adotada nas aulas de Educação Física é compreendida pelas manifestações culturais. A relação entre cultura e lazer nas aulas de Educação Física é universal e coletiva, conjunto de saberes, costumes, hábitos, crenças e conhecimentos produzidos por uma dada comunidade ou grupo social, considerando o lazer, como parte deste conjunto de práticas corporais, o qual está em constante construção.

A diversidade cultural que existe no mesmo espaço, pessoas diferentes origens, histórias, ambientes e padrões. Grupos que podem ser interpretados por pequenos mundos, tribos urbanas ou minorias sociais. As escolas, como instituição e patrimônio cultural, tem em seu âmbito a cultura erudita, popular, e a de massa, que podem ser uma fonte de estudo e pesquisa para o planejamento do projeto político-pedagógico dos sistemas educacionais. A apreensão que podemos fazer disso tudo, é que a cultura é o norte para fundamentarmos, sistematizarmos e compreendermos os nossos alunos. O lazer é uma forma de incorporar, expandir o raciocínio, o lúdico, as representações simbólicas no modo de se viver, com atitude, liberdade de escolha e opinião, num dado tempo disponível, apropriado pelos sujeitos para produzir cultura e re-significar os parâmetros sociais.

É possível a formação pelo e para o lazer nas aulas de Educação Física, desde que alguns paradigmas da forma escolar, venham a ser superados. Entre eles, a cultura de que a Educação Física não é uma área de conhecimento. A forma escolar de controle sobre a corporiedade dos sujeitos, o método de avaliação e reprovação, a lógica do passar de ano, são alguns encaixos da educação, que reproduzem a racionalidade do trabalho, reforçando a alienação dos sujeitos na construção de saberes sobre o processo de ensino-aprendizagem.

A importância em dar ênfase sobre o tema “lazer na educação básica”. A valorização dessa dimensão, como empreendimento educativo amplo, na formação humana “política, social, filosófica, antropológica e cultural”, contempla a plena formação dos sujeitos sócio-culturais.

Os referenciais teóricos desta pesquisa são embasados nas áreas de conhecimento da antropologia, sociologia, psicologia e filosofia.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Edmundo de Drumond, MELO, V. A. **Introdução do Lazer**, RJ: editora Manole, 2003.

ANDRÉ, M.E.D.A de. **Etnografia da Prática Escolar**, Campinas, SP: editora Papyrus, 1995.

BRACHT, Valter. **Educação Física Escolar e Lazer**, Vitória, ES: editora autêntica, 2003.

BRUHNS, Heloísa Turini. **Introdução aos Estudos de Lazer**, Campinas, SP: editora Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. **Temas sobre lazer**/ Heloísa Turini Bruhuns (org.). Campinas, SP: Autores associados, 2000.

BETTI, Mauro. **Janela de Vidro: Esporte, TV e Educação Física**, SP: editora Papyrus, 2004.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

DAOLIO, Jocimar. **Cultura, educação física e futebol**/Jocimar Daolio. – 3ª ed. rev.-Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2006.

DAYRELL, Tarcísio Juarez. **A Escola como espaço sócio – cultural**, Bhte : editora UFMG, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rj: Paz e Terra, 1996.

LIMA, Luiz Otávio de. **Educação Para o Lazer**, SP: editora moderna, 2002.

MARCASSA, Luciana. **Lazer e educação**. In: Christianne Luce Gomes (Org.). **Dicionário crítico do lazer**, Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 126-138 (coleção turismo, cultura e lazer. 5)

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**, Campinas, SP: editora Papyrus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lúdico, Educação e Educação Física**, Campinas, SP: editora Unijuí, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da animação**, Campinas, SP: editora Papyrus, 2007.

\_\_\_\_\_. **Lazer: Formação e atuação profissional**/ Nelson Carvalho Marcellino (org.). 8. ed. Campinas, SP: editora Papyrus, 2007.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**, 2ºvol. SP: EPU-EDUSP, 1974.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **Lazer e educação: desafios da atualidade**. In: Nelson Carvalho Marcellino (Org.). **Lazer e sociedade: Múltiplas relações**—campinas, SP: Ed. Alínea, 2008. p. 45-61 (coleção estudos de lazer).

\_\_\_\_\_. **Vivência lúdica no lazer: Humanização pelos jogos, brinquedos e brincadeiras**. In: Nelson Carvalho Marcellino (Org.). **Lazer e cultura**, Campinas, SP: Ed. Alínea, 2007. p. 171-193.

PIREZ, Giovanni de Lorenzi. **Educação Física e o Discurso Midiático**, SC: editora Unijuí, 2002.

SILVEIRA, G.C.F.Da; PINTO, J.F. **Educação Física na Perspectiva da Cultura Corporal: Uma Proposta Pedagógica**, Belo Horizonte, Rev. Bras. Cien. Esporte.v22.n3.p137-150 maio 2001.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. **Lazer, recreação e educação física**/ Christianne Luce Gomes Werneck e Hélder Ferreira Isayama (Org). – Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 268 p. (coleção turismo, cultura e lazer. 5)

WLRA. Carta Internacional de Educação para o Lazer. Disponível em: [http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo\\_exibe1.asp?cod\\_noticia=195](http://www.saudeemmovimento.com.br/conteudos/conteudo_exibe1.asp?cod_noticia=195) . Acesso em 11 mai. 2011.



### **Artigos/Periódicos/**

BRUHNS, Heloísa Turini. **Relações entre educação física, à cultura e o lazer.** DEL/FEF/UNICAMP/BRASIL. Disponível em Google acadêmico. Acesso em 06 dez. 2010.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Animação cultural e o lazer na escola.** X ENFEFE – Encontro fluminense de educação física escolar. Disponível em Google acadêmico. Acesso em 06 dez. 2010.

SANTOS, Fernanda Silva dos. **A educação para o lazer nas escolas de acordo com a literatura vigente.** X ENFEFE – Encontro fluminense de educação física escolar. Disponível em Google acadêmico. Acesso em 06 dez. 2010.

### **Monografias/**

FARIA, Brenda Rios de. **Análise da produção teórica da revista licere sobre os temas lazer-educação-escola, no período de 1997 a 2008.** [manuscrito]/ Brenda Rios de Faria – 2009, 32 t., enc.:il